MORTE em 22 LETRAS

MARCO NEVES

FICÇÃO · POLICIAL

Índice

(Há um pequeno enigma neste índice: por que razão são 22 as letras?)

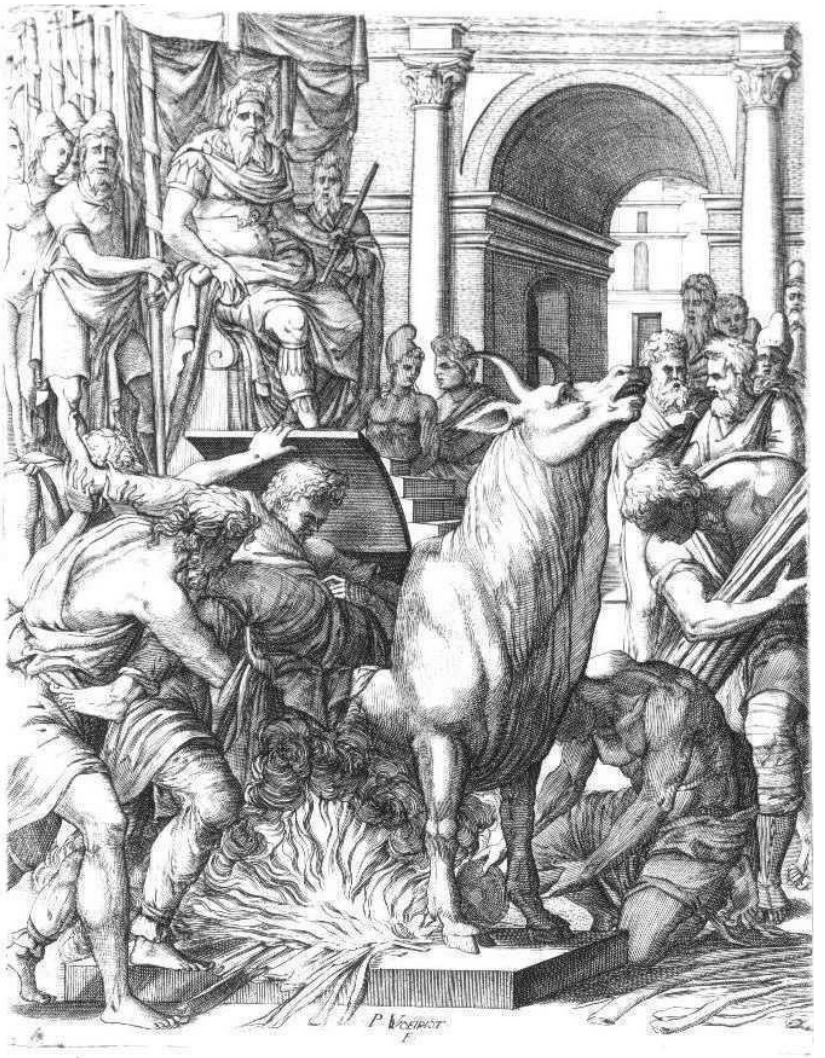
A — Árvores (com um fogo dentro) **15**
B — Bom português na PJ **19**
C — Cara de dicionário **24**
D — Dante e o inferno da estrada **32**
E — Enigmas e pirilampos **38**
F — Fundação Artur Cabral **47**
G — Glossário de 22 palavras **53**
H — Histórias de Bluteau **61**
I — Jogo de letras, bichos-da-seda e pirilampos **69**
L — Luz de fogueira na floresta **77**
M — Morte de Artur **83**
N — Noventa minutos (e a solução) **90**
O — Ordens maiores **95**
P — Pedra com um touro lá escrito **103**
Q — Qualquer papel deixado num livro **108**
R — Remorso e chamas **112**
S — Serpente no paraíso **116**
T — Teresa Antunes escreve o último capítulo **121**
V — Um autor recebe as personagens em casa **128**
X — Xeque **133**
Y — Bifurcação **140**
Z — Zytho: a última palavra **147**

A mais cruel máquina de tortura alguma vez saída da imaginação do ser humano foi o Touro de Fálaris, na Grécia Antiga.

O condenado era encaixado num gigante boi de bronze, com a cabeça do quase morto alinhada com a do bicho. Acendia-se uma fogueira por baixo. O nariz de bronze era modelado para que os gritos de agonia se transformassem, como numa tuba macabra, em sons semelhantes aos de um touro real. O fumo da cozedura saía pelas narinas de bronze.

Enquanto o supliciado morria, o Touro de Fálaris parecia estar vivo durante alguns minutos.

A primeira vez que alguém morreu num Touro de Fálaris depois da Antiguidade foi em Junho de 2025, nos jardins do Palácio de Monserrate, em Sintra.



Reprodução tardia de uma gravura de Pierre Woeiriot, do século XVI, que mostrava Perilo a ser condenado a morrer no touro de bronze que ele próprio criara sob as ordens do tirano Fálaris.

Lista de objectos da exposição em Monserrate (na grafia original)

A — Azulejo
B — Balança
C — Cofre
D — Dedal
E — Espelho
F — Frasco
G — Globo
H — Harpa
I — Imprensa
L — Leme
M — Mascara
N — Naveta
O — Oculo de longa vista
P — Pirilampo
Q — Quadrante
R — Relicario
S — Sino
T — Touro de Phalaris
V — Vela
X — Xeringa
Y — Yôide
Z — Zytho

Árvores (com um fogo dentro)

Tomás Cabral, o morto deste livro, foi encontrado carbonizado numa manhã do final da Primavera de 2025 por Luís Franco, funcionário da Fundação Artur Cabral encarregado do transporte de materiais e tarefas várias.

Luís estacionou na clareira logo depois da entrada de serviço do Parque de Monserrate. Achou estranho o portão estar destrancado.

Estava a ser montada, no palácio e nos jardins, uma exposição com o título *Bluteau: o Mundo em 22 Letras*. Haveria de dar um livro e talvez um documentário, tudo financiado pela fundação.

Nunca abriu ao público (uma morte antes da inauguração nunca dá bom resultado) e só sei o que Luís viu nesse dia porque conversei com ele há umas semanas, para que me contasse como foi a descoberta do corpo de Tomás.

Desse dia, Luís lembra-se bem de que trazia na parte de trás da carrinha três peças: um painel de azulejos azuis e brancos; um prelo enorme, com ar de máquina de tortura que, em vez de mastigar músculos, expele letras e gravuras; e um terrário que albergaria, na exposição, pirilampos, e que Luís tinha a certeza

de que seria o mais interessante para as crianças das muitas escolas que por ali passariam.

Já o ponto alto para os visitantes adultos seria, pensava também Luís, o touro gigante feito de bronze instalado uns dias antes. Era, de longe, a peça mais impressionante de toda a exposição e a única criada de propósito, uma réplica tremenda do Touro de Fálaris, talvez maior e melhor do que o original (se é que alguma vez existiu um original).

Uma máquina de tortura, ainda por cima tão bela, iria levar a mente dos visitantes a imaginar o sofrimento dos pobres hereges e de outros infelizes. Tudo, claro, no conforto de um tempo em que já não se tortura (com uma ou outra recaída). Há um prazer particular em olhar para a crueldade distante, uma curiosidade que se satisfaz sem medo, protegidos como estamos pelo tempo que passou.

O transporte de todas aquelas peças era difícil, ainda por cima com a falta do Fernandes, que se sentira mal, mas Luís também admitia que havia tarefas mais desinteressantes do que aquela.

Quando abriu a porta da carrinha, sentiu um cheiro peculiar, que veio a saber mais tarde ser o de carne humana queimada. Deixou a carrinha aberta e tentou perceber de onde vinha o odor, nada fácil para um animal como o ser humano, muito mais orientado pelos olhos do que pelo nariz. Perdeu-se várias vezes, pensou ainda se o cheiro não viria da carrinha ou mesmo do palácio. Naquele rondar a farejar, concluiu que só poderia vir do gigantesco touro de bronze que fora instalado uma semana antes por uma equipa estrangeira.

Por entre as árvores e plantas do parque, entrevendo aqui e ali o Palácio de Monserrate, colorido e feliz como um brinquedo, olhou para o touro. Por baixo, numa taça gigante da peça, Luís encontrou o borralho de uma fogueira. O cheiro que o atraíra era cada vez mais intenso e, quando tocou a medo no metal, sentiu calor. Com cuidado e com a ajuda da camisa esticada sobre

as mãos para não queimar a pele, tentou abrir a porta por onde os antigos torturados eram instalados no touro para morrer. Não conseguiu. Havia um trinco que não cedia. Correu até à carrinha para ir buscar a caixa de ferramentas. O coração batia com o medo do que iria encontrar. Voltou, arrancou o trinco com um martelo e abriu, por fim, a porta.

Caiu qualquer coisa em cima das cinzas, um resto que obrigou Luís a levar a mão à boca para evitar o vómito.

Viu que era uma mão calcinada.

Contarei, neste livro, a história de como me vi envolvido neste caso e de como fui levado a escrever o relato. Não que fosse difícil convencer-me: é verdade que sempre quis escrever um policial, ainda por cima com ligações à história da nossa língua. Este enredo tem a vantagem de ser verdadeiro, o que me poupa o esforço de o inventar, embora também me obrigue a falar de uma morte que nunca teria incluído num livro de ficção.

Não sei tudo o que se passou nesta história, mas sei o suficiente para a contar. Aliás, sei mais do que gostaria.

mais de 3 arrateis de *Azougue* por erro, entendẽdo,q̃ era agoa. *Argentũ vivum,i. Neut.Plin.l.33.c.6. Hydrargyrũ,i.Neut. Plin.cap.3.*He nome Grego,derivado de *Hydor,Agoa,& Argyros,Prata, quaſi aqua argentea.*Chamão-lhe *Mercurio,* porq̃ he volatil,& não eſtá quieto,à imitação de Mercurio fabuloſo mẽſageyro dos Deoſes,& finalmẽte,porq̃ na opinião dos Aſtrologos,& Alchimiſtas,recebe o *Azougue* influencias do Planeta Mercurio.

A Z U

AZUL, Azùl. Derivaſe do Arabico *Zul,*q̃ ſegũdo algũs,val o meſmo,q̃ em Latim *Cæruleus.*Outros derivão *Azul,*do Arabico,ou Perſiano,*Lazurd,*ou *Lazuard,*ou *Lazivard,*donde tomaraõ os Lapidarios o nome da pedra,a q̃ chamarão *Lapis Lazuli,*q̃ tambem he de côr azùl, imitadora da côr do Ceo.Há tres caſtas de *Azul,Azul celeſte,*muy claro;*Azul ferrete,*mais eſcuro,& mais baço;&*Azul ultramarino.*Couſa azul.*Cæruleus,a,um.Cic.*

Azul ultramarino,côr,de q̃ uſaõ osPintores.*Cæruleum,i.Neut. Plin.* ſubentendeſe *Pigmentum.*

Azul celeſte.*Cyaneus,a,um.Plin.*Cinzas azues,de que uſaõ os Pintores. *Lomentum,i.Neut.Plin.*

Azul Turqui.He o meſmo,que *Azul celeſte. V.*Turqui.

Campo azul no eſcudo das armas.*Area cærulea,*ou *cyanea.* Os Barradas tem em ,campo *Azul* hũa cruz chaã de prata,&c. Nobiliarch.Portug. pag.241.

Que tira à cór azul.*Subcæruleus,a,um. Corn.Celſ.Cæruleo affinis color.*

Servidores de azul chamão na caſa da Miſericordia huns homens cõ hũ gabão azul, q̃ cumprẽ cõ as obrigaçoens ordinarias da dita caſa. Haverá mais na caſa ,ſervidores de*Azul.*Compromiſſo da Miſericordia,pag. 26.

AZULADO. Tinto em azul, ou pintado de azul.*Cæruleatus,a,um.*He de Velleyo Paterculo,Hiſtor.2.aonde fallando em Glauco,Deos Marino diz,*Cùm cæruleatus,& nudus, caputque redimitus arundine,&c. V.*Azular.

Conegos azues.*V.*Conego.

AZULAR.Pintar de azul. *Aliquid cæruleo pingere,* ou *cyaneo colore inficere.*

AZULEJADOR,Azulejadôr.Official, q̃ faz azulejos.*Qui laterculos fingit,*ou *facit,cæruleo colore illuminandos,quibus incruſtari ſolent parietes.*

Azulejador, que azuleja as caſas. *Qui cubiculorum parietes,laterculis cyaneo colore nitentibus,incruſtat.*

AZULEJAR com azulejos.*Laterculis, cyaneo colore ſplendentibus,*ou *illuminatis cubiculi parietes incruſtare,(o,avi,atum)*

AZULEJO,Azulêjo. Eſpecie de ladrilho,envernizado,com figuras,ou ſem ellas,há brancos,& verdes,mas pela mayor parte ſaõ azues, & deſta côr tomou eſta obra o nome. *Laterculus cæruleo colore ſplendens,*ou *cyaneo colore illuminatus.*Se o azulejo não for azul,mas brãco,ou verde chamarſelhe-há,*Laterculus albo ,* ou *viridi colore nitens,*ou *ſplendens.*

AZURRACHA, Azurrácha. Barcaça familiar do Douro, que tem por leme hũ remo grande,a que chamão *Eſpadela,* & mais têm dous remos de cada banda, cõ que ſe governa. *Navigium, quod remus pro clavo regit,vulgò* Azurracha.